

O MAL-ESTAR DOCENTE PERANTE O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

*Bettina Steren dos Santos, Claus Dieter Stobäus,
Juan José Mouriño Mosquera e Fabíola de Azeredo Missel*

1. JUSTIFICATIVA

As competências, no sistema em que vivemos são definidas levando-se em conta a demanda do mercado. Não é mau, em princípio, levar em conta uma demanda - afinal é preciso sempre considerar o contexto em que se desenvolvem a formação e a prática profissional. Arriscado é confundir a demanda imediata, mercadológica, com a demanda social, que expressa as necessidades concretas dos membros de uma comunidade. (RIOS 2001 apud ENRICONE, 2002, p.35)

Atualmente estamos vivendo um momento no qual a escola é alvo de severas críticas. Nesse contexto, muitos trabalhos de pesquisa, destacava Esteve (1984 e 1994) e também Ramal (2002). Na tentativa de entender esse fenômeno, apresentam uma série de dados mostrando as dificuldades encontradas nas escolas, claro que também fora delas mas as influenciando, uma vez que as mesmas estão tendo que redescobrir qual o seu papel na sociedade contemporânea, à qual Levy (1998) refere-se como caracterizado por um período de mutação antropológica.

Vários outros autores falam de diversos tipos de crise, a da escola, a da sua função, a da ação pedagógica, entre outras.

Poderíamos dizer que a mudança do contexto social, no qual a introdução dos meios informáticos está cada vez mais concreta, é um fato. A escola não pode viver à margem disso, já que a forma de divulgar as informações muda completamente, passando de um sistema linear para um sistema interativo e sistêmico.

Nós, como educadores preocupados em entender melhor essa realidade, estamos realizando um estudo no qual seja possível detectar e analisar alguns dos motivos dessa situação dita de crise, bem como talvez encontrar caminhos que possam ajudar a reverter este quadro.

Sabemos das causas econômicas, políticas, sociais, profissionais deste clima de no mínimo mal-estar, mas quase nada nos é apontado sobre a pessoa do docente, seu desenvolvimento, suas inquietações, interesses, sentimentos, valores e expectativas.

Esteve (1994) aponta vários fatores que estariam causando um certo nível de mal-estar na docência. Salienta, entre os principais, a carência de tempo, as aulas que são numerosas, o trabalho burocrático complementar, a descrença no ensino. Além dessas causas, pensamos que é relevante também chamar a atenção especial ao mal-estar que pode estar causando a introdução das Tecnologias da Informação e Comunicação nas instituições educacionais.

O docente era considerado uma das fontes de saber mais respeitado, às vezes o único e unipotente detentor do saber. No entanto, com a descentralização ou **democratização** do saber, até mesmo do (pseudo)poder que ele detinha, esse status é ameaçado, constituindo-se em mais um fator promotor do mal-estar docente.

Novos agentes de socialização entraram em cena, os professores devem agora ter uma capacitação profissional que acompanhe essa modificação, tão eficiente e tão rapidamente como a Tecnologia avança. Anos atrás, o professor era o responsável quase único pela transmissão de informação e cultura, hoje em dia podemos dizer que essa situação está modificada graças aos avanços tecnológicos desenvolvidos e utilizados por grande parte da humanidade, diríamos que é a **globalização**, do acesso e do uso da informação. Professores que não levem essa questão em consideração são aqueles que provavelmente fracassarão, em parte se não no todo, em sua tarefa, somando-se isto também ao mal-estar anteriormente citado.

Pensando nessa questão, nos propomos a estudar como os docentes estão vivenciando essa mudança, que implica na introdução dos computadores e meios informáticos nas instituições de ensino.

Pretendemos analisar especialmente quais os sentimentos, os pensamentos dos docentes no que se refere à sua formação, com relação a uma exigência que é importante para a sociedade como um todo.

Também consideramos relevante estudar essa questão em diferentes realidades contextuais, em nosso Estado. Para isso, escolhemos três instituições universitárias: a Pontifícia da Universidade Católica do Rio Grande do Sul, instituição de cunho confessional, da qual a equipe de pesquisa faz parte; a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, grande pólo universitário; e a Universidade de Santa Cruz do Sul, instituição comunitária, localizada num grande pólo industrial, que apresenta importantes avanços econômicos e sociais.

Esse projeto está inserido dentro de um projeto maior, intitulado O mal-estar na docência: causas e conseqüências, cuja proposta é compreender melhor o próprio professor e, especialmente, como ele pensa, para poder discutir e melhorar a sua formação básica e continuada, coordenado pelos professores Dr. Juan José Mouriño Mosquera e Dr. Claus Dieter Stobäus, do Curso de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul.

2. PROBLEMATIZAÇÃO

Vivemos em um mundo de profundas modificações sociais, culturais, econômicas, políticas, entre outras tantas, que influenciam diretamente as instituições de ensino, sendo que um dos fatores que consideramos importante destacar é a própria continuidade da assim denominada revolução tecnológica.

O avanço tecnológico, que substitui a tradicional via de fornecimento da informação unidirecional, como no caso da televisão e rádio, passa agora a ser uma tecnologia convergente, isto é, o computador possibilita a combinação de diferentes formas de interagir, tanto com as informações como entre as pessoas (hipertexto, animação, som, etc.).

Assim, passamos de uma faixa estreita para uma faixa larga, com mais informação e maior velocidade, ou seja, maior quantidade e qualidade de interação e de informação.

Essas mudanças causam uma maior interatividade entre as pessoas e maior autonomia na busca do saber, mas possivelmente também podem causar mal-estar em quem as usa, ou não usa, ou não sabe usar porque não se preparou ou teve oportunidade.

Até o surgimento das redes de computadores, as tecnologias de comunicação dividiam-se em duas categorias: **uma-a-uma** (one-to-one) e **uma-a-muitos** (one-to-some). É importante destacar que, atualmente, os pontos fortes de cada uma dessas categorias podem ser combinados através das Tecnologias da Informação e Comunicação.

A Internet permite um tipo de interação a mais, **muitos-a-muitos**, cuja comunicação pode ser síncrona ou assíncrona. Em suma, pode-se dizer que uma interação via redes de computadores apresenta três aspectos relevantes: a temporalidade (assíncrona e síncrona), direcionamento (unilateral, bilateral e multilateral) e o número de interlocutores, destacam Tijiboy, Maçada, Santarosa e Fagundes (1999).

Essa forma de interagir promove uma construção coletiva do saber, formando as redes, nas quais a informação pode ser acessada facilmente. Assim, atualmente, constitui-se o Ciberespaço, sendo cada vez mais incorporadas as rotinas da vida cotidiana, tendo assim a oportunidade de construir novos tipos de comunidades, coloca Ramal (2002).

Partindo dessas idéias, destacamos alguns questionamentos relacionados ao mal-estar docente no uso das Tecnologias da Informação e Comunicação– TIC e no que elas exigem do docente, neste início de Novo Milênio.

Por isso questionamos: Quais são as inquietudes que os professores têm em relação a sua formação no que se refere ao uso das tecnologias? Como esses profissionais pretendem enfrentar essas necessidades? Quais os aspectos positivos que eles encontram no uso das TICs? Quais os negativos?

Portanto, a nossa grande questão é: **Quais são as percepções dos professores sobre as possíveis causas do mal-estar no uso das Tecnologias da Informação e Comunicação?**

Sobre a análise de possíveis causas e suas conseqüências, não podemos deixar de pensar e estudar a partir de um paradigma global, que tente analisar os fatores, deixando de lado o modelo que acredita numa causa única, observando e tentando entender a realidade de forma fragmentada.

3. MARCO TEÓRICO

Para a realização desse estudo, seguimos alguns pressupostos. Explicitaremos as linhas de idéias que nos referendaram em duas direções específicas: uma delas é com relação ao mal-estar docente que surge das mudanças que vem ocorrendo no contexto social. A outra se refere à introdução das TICs na instituição educacional, e como essa mudança é vivenciada pelos docentes..

3.1. Mal-estar docente

Creemos que todos nós, como educadores em amplo sentido, estamos cientes da necessidade de conhecer melhor a realidade social em que vivemos e nossa realidade como pessoa, bem como detectar que mal-estar está presente.

É exatamente este o objetivo que ora nos guia. Para isto os valem de estudos realizados por um grupo bastante significativo de pesquisadores, no mundo inteiro, que se preocupam por temas candentes, como a personalidade dos professores, seu desencanto, suas doenças, a suposta ou real má qualidade de ensino e o discutível papel das instituições escolares, tanto oficiais como privadas, entre eles o Prof. José Esteve, na Universidad de Málaga, na Espanha, e o Prof. Saul Neves de Jesus, na Universidade do Algarve, em Faro, Portugal, bem como a Profa. Ada Abraham, na Universidade de Jerusalém, em Israel.

Devemos recordar que a preocupação é internacional e não se restringe apenas a países de Terceiro Mundo. Nossa curiosidade e nossa preocupação nos levaram a compreender que a temática não pode ser ignorada ou falsamente deturpada, pois ela está solapando o que de positivo existe no processo formal de ensino e no de aprendizagem, pois o mal-estar do docente pode, e sem dúvida o faz, refletir também no discente.

Esteve (1994) assinala que o tópico *mal-estar docente* está sendo utilizado na literatura pedagógica e psicopedagógica há bastante tempo, para descrever aqueles efeitos permanentes de caráter negativo que afetam a personalidade do docente, enquanto pessoa e profissional, como resultado das condições psicológicas e sociais que se exercem durante sua docência.

Na realidade, a conjunção de vários fatores sociais e psicológicos mal diagnosticados está produzindo o que dominaremos *um ciclo degenerativo da eficácia docente*. Esta idéia é bastante significativa, pois expressa algo que está presente entre nós: basta examinar os climas de ódio e de competição desnecessária, freqüentes nos centros educacionais, tanto entre os professores, como destes para com os alunos e com a direção.

Autores como Wangberg (1984 apud ESTEVE,1994) pensam que a melhoria do ensino depende, principalmente e primordialmente, de um melhor reconhecimento do trabalho e da profissão do professor. Por isso, podemos afirmar que o *mal-estar docente* é já uma doença social, que provoca também a doença pessoal. Pode ser causado, sem dúvida, pela falta de apoio da sociedade aos professores, tanto no terreno dos objetivos de ensino, como nas compensações materiais e no reconhecimento do status que aquela lhes atribui.

Na realidade, as condições econômicas e políticas não têm sido suficientemente favoráveis aos professores: os docentes parecem estar condenados a realizar mal o seu trabalho, já que os encargos têm crescido assustadoramente, e o docente não consegue mais escapar deste círculo vicioso: ganha mal - trabalha mal - não consegue se atualizar - tem mal-estar - adoece - ganha mal.

Entre as causas do *mal-estar docente* podemos assinalar:

- Uma carência de tempo, que parece cada vez mais insuficiente para realizar um trabalho decentemente. Acresce-se a isto as dificuldades dos próprios alunos, que o professor muitas vezes tem de atender em aula e até fora dela, e as aulas cada vez mais numerosas e mais cheias;
- O trabalho burocrático cada vez maior, que está a roubar um tempo precioso daquela tarefa principal do docente, que é o *ensinar*, tornando-se um fator de fadiga, que gera improdutividade;
- A descrença do docente em seu *ensino*, que parece não estar a ajudar os discentes, podendo até se tornar fator de modificações básicas das aprendizagens dos alunos, os distúrbios de aprendizagem (na realidade aqui de **ensinagem**);
- A constante e rápida modificação no conhecimento e nas inovações sociais, que são cada vez mais desafiantes, que provocam grande ansiedade e sentimento de inutilidade.

Algumas dessas causas têm raízes profundas, que podem ser localizadas na deficiência de:

- Algumas posições do Estado e planos de Governo, no amplo sentido, como desencadeadores (ou não) de uma educação realmente eficiente;

- Uma falta ou mesmo dificuldade em entender a Filosofia da Educação, conhecida por todos e por todos trabalhada, analisada, discutida e negociada, talvez um dos grandes elementos que contribui para o caos da Educação é o desconhecimento de princípios filosóficos sólidos, que se expressam em uma imagem de que ser humano queremos ao educar e, principalmente, em fins educacionais abertos, coerentes e, principalmente, democráticos;
- Uma necessidade de uma Educação para a cidadania, na qual direitos humanos e atitudes de tolerância possam ser intercambiadas, para formar via Educação o cidadão;
- A não consideração da importância central das temáticas dos meios e dos recursos da Educação, que expressam o engajamento da totalidade do social e significam a permanência digna do ensinar como *trabalho real e profissão* fundamental.
- Uma deficiência em considerar o *conhecimento* como um real valor, que poderia propiciar elementos para as modificações de um ser humano no mundo, no qual há tanta pobreza, pela ignorância e pelo desconhecimento.

Paulo Freire (1981) sempre foi bastante claro a respeito desta temática, que é citada aqui por considerarmos o **conhecer** como a melhor arma revolucionária que o ser humano possui.

3.2. Especificando o mal-estar: indicadores

Os aspectos apontados até o presente momento são bastante amplos e problemáticos, o que nos leva a especificar para melhor analisar.

Esteve (1984, 1994) assinala que há dois tipos de fatores que provocam mal-estar na docência: os de segunda e os de primeira ordem, expostos a seguir:

3.2.1. Fatores de segunda ordem

1. Modificação no papel do professor e dos agentes tradicionais de socialização.
2. A função docente: contestação e contradições.
3. Modificação do apoio do contexto social.
4. Os objetivos do sistema de ensino e os avanços dos conhecimentos.
5. A imagem do professor.

Evidentemente, esses fatores têm ampla repercussão sobre o comportamento do docente, tanto como professor, assim como pessoa, em sua realidade. Ninguém pode negar que os agentes tradicionais, entre eles a própria família, praticamente têm abandonado as suas funções socializadoras iniciais, sobrecarregando as instituições escolares com mais encargos que os de antigamente, o que torna mais complicada a já difícil tarefa de realmente tentar educar um aluno, um futuro cidadão.

Por sua vez, a própria profissão de ser professor é hoje bastante contestada, *externa e internamente*, se considerarmos a escola. Não precisamos ser excessivamente *inteligentes* para notar que há um desencanto, em nível pessoal e no coletivo de docentes, que emana de não se entender o valor do magistério e seu coerente desempenho profissional. A *imagem ideal* serve de pretexto para ocultar a *real imagem trabalhadora* do professor e seu conseqüente desempenho, muitas vezes não tão bem remunerado e valorizado.

Outro fator contextual é a desconfiança da sociedade nos professores, no que diz respeito a comprometimento, eficiência e eficácia.

Sem dúvida, existem razões poderosas para isso, mas é incompreensível que não se entenda que a desigualdade de tratamento, em termos trabalhistas, desgasta qualquer idéia ou boa intenção, seja ela qual for.

Finalmente, a imagem do professor é uma imagem *torrada*, denominada em inglês de **burnout**. Esteve (1984) alerta que os conflitos dos professores não são gratuitos. Há necessidade de restauração de um apoio do e no social e, principalmente, uma maior e melhor atenção psicológica, além da possibilidade e necessidade de Educação Continuada.

3.2.2. Fatores de primeira ordem

1. Recursos materiais e condições de trabalho.
2. Violência nas instituições escolares.
3. Esgotamento docente e acúmulo de exigências sobre o professor.

Estes elementos foram, novamente, tomados de Esteve (1994), e deixam claro que eles são um desdobramento mais específico dos anteriores, os de segunda ordem, porém apresentam peculiaridades que valem a pena analisar.

A deficiência dos recursos materiais e das condições de trabalho é sobejamente conhecida, principalmente nos países em desenvolvimento, como o nosso, com suas diversas realidades sociais e de desenvolvimento coexistindo lado a lado, que muitas vezes são completamente antagônicas. Por exemplo, há carência de instrumental pedagógico e, na maior parte das vezes, até as condições de higiene são de preocupar. Como realizar um trabalho competente?

A violência nas instituições escolares deve ser acompanhada, quer seja ela sob forma de violência simbólica, nas agressões latentes ou manifestas através do não-verbal e do verbal, especialmente se for de forma física, dentro e fora da sala de aula. Ao mudar a *linha dura* dos docentes, a convivência nem sempre é tão pacífica com os alunos. Casos de agressão cada vez mais são evidentes, de ambas as partes. Muitas vezes ela aparece camuflada, como na simbólica, manifestando-se pelo tom agressivo e jocoso, às vezes irônico, com que são tratados os temas, pior quando ocorrem no tratamento interpessoal, mais ainda quando aparecem entre os professores ou destes para a direção, ou vice-versa.

Por outro lado, é significativo assinalar a *luta pelo poder*. Talvez a carência de uma educação, digamos, mais política nos leve a confundir *Política* com políticas partidárias e a ter pouca tolerância ante divergências e posições diferentes.

Somos todos diversos e diferentes, então por que não conseguimos entender e atender as diversidades do outro?

Este é um tema ainda um tanto quanto velado, mas que merece mais estudos e maior consideração, pois **democracia** é uma *convivência social negociada*, na qual todos têm de ter (seu) espaço; deve estar afastada a ameaça de *torração*, de doutrinação e dogmatismo. Lembramos que as idéias triunfam por seu próprio valor e não pelo *fanatismo* que imprimimos a elas. O aspecto mais preocupante é o esgotamento do professor (o denominado *professor queimado*, já mencionado do inglês *burnout*).

Bardo (1979, p. 252) assim descreve este tipo de docente:

O professor queimado é um fenômeno demasiado familiar para qualquer adulto que trabalhe na atual escola pública. Os sintomas incluem um alto grau de absentismo, falta de compromisso, um anormal

desejo de férias, baixa auto-estima, incapacidade em levar a sério a escola e freqüentes conflitos com alunos e colegas.

À descrição da autora acrescentamos: aquelas críticas violentas às autoridades, que muitas vezes poderíamos dizer e entender que até podem ser justificadas. Portanto, este clima ou estado de esgotamento é uma clara conseqüência de um mal-estar dos professores, que leva a um desânimo, desencanto e desesperança cada vez maior, estado do qual é cada vez mais difícil de sair ileso, e para o qual se necessita de apoios e possivelmente de atendimentos, cada vez mais especializados, inclusive de nível psicológico e médico.

3.3. A informática nas instituições educacionais

As potencialidades educacionais do computador já têm sido pensadas há vários anos. Da década de 70 aos nossos dias, muito ocorreu de desenvolvimento como tecnologias, forçando as escolas a uma contínua reflexão e conseqüente reformulação.

Papert (1988, 1994) analisa muitas das inúmeras possibilidades dos computadores, consideradas como *subversivas*, em especial na área da Educação, tais como, cortar caminho e desafiar a própria idéia de fronteiras entre as disciplinas e *"mudar a ênfase de currículo formal e impessoal para exploração viva e empolgada por parte dos estudantes"* (1994, p. 41). No entanto, revendo a experiência passada com o uso da Informática nas escolas, pergunta-se o porquê dos computadores terem causado tão poucas mudanças nos problemas escolares. De *"instrumento subversivo de mudança"*, o computador foi neutralizado pelo *"sistema e convertido em instrumento de consolidação"*. Ao invés de incorporar-se ao cotidiano das aulas, foram colocados num *"laboratório de computação"*, sob o cuidado de um professor especializado, constituindo, formalmente na prática, uma nova disciplina escolar.

Para que a incorporação da informática provoque transformações curriculares e alcancemos uma Educação mais qualificada, são necessárias ações que priorizem importantes mudanças nos processos educativos. Para que isso ocorra, é imprescindível a problematização prévia do uso da Informática na escola. O professor deve indagar se o uso do computador está ou não contribuindo para uma real construção de novos conhecimentos pelo aluno.

Para ser capaz de responder essa pergunta, o professor deve conhecer as diferentes modalidades de uso da Informática na Educação, sua programação, elaboração e multimídia, o uso da Internet, bem como entender os recursos que elas ofereçam para a construção de conhecimento. Uma vez que o professor sinta-se mais familiarizado com as questões técnicas, pode dedicar-se à exploração da Informática em atividades pedagógicas mais sofisticadas. O docente deve saber desafiar o aluno para que, a partir do projeto que cada um deles se propõe realizar, seja possível atingir os objetivos pedagógicos que determinou em seu planejamento, quem sabe junto com seu aluno.

Através de uma análise da introdução dos computadores nas escolas públicas da rede estadual de Pernambuco, Oliveira (1997) mostra os percalços por que passaram as escolas na implantação do trabalho com Informática Educativa. Enfatiza o fato da entrada dos computadores não ter sido precedida de uma ampla discussão entre os professores, que possibilitasse o levantamento de opiniões, desejos e sugestões para o uso desta tecnologia no ensino.

O autor (p. 72) apresenta as diferentes representações formuladas pelos professores. De um lado vêem-se aqueles que concebem o computador como uma panacéia para os problemas da escola; de outro lado, os que o vêem como um elemento estranho *"marcado pela discriminação"*. Entre esses últimos, o autor percebeu atitudes de indiferença, decorrentes, segundo ele, do desconhecimento das

“possibilidades da utilização de uma nova tecnologia no processo de ensino”. O problema, no entanto, não se caracterizaria apenas por uma rejeição ao novo, mas também por experiências negativas com o uso de tecnologias que se proclamavam salvadoras, mas que trouxeram poucos benefícios em razão da dificuldade do uso dessa ferramenta. A concepção acrítica, que vê o computador como solução para todos os problemas educacionais, conduz, paradoxalmente, ao “*outro lado da moeda*” de não conseguir encontrar sua utilidade na prática educativa.

O autor demonstra ainda a importância de um amadurecimento sobre as possibilidades do trabalho com computador na escola, por parte dos professores.

Cita Almeida (apud OLIVEIRA, 1997), que coloca a necessidade que os professores façam previamente um levantamento das deficiências da escola para não cair na situação de ter-se “*uma solução a cata de um problema*”. A partir deste levantamento, os professores avaliariam se a Informática Educativa poderia (ou não) auxiliar a sanar tais deficiências. Isto permitiria a eles uma visão do universo de problemas “*que pode ser atacado com esse instrumental computacional*”. Com base nestas análises, o autor assinala a necessidade da promoção de discussões que facilitem uma avaliação mais elaborada desta tecnologia na Educação, por todos os que fazem parte do ambiente escolar.

Cabral (1990, p. 14) também defende a necessidade de se valorizar a discussão das questões pedagógicas que se relacionam ao uso dos meios informáticos. Ao levantar a questão da crescente importância do fenômeno comunicativo no mundo atual, associada ao desenvolvimento tecnológico e à repercussão deste fenômeno na escola, afirma que:

[...] o computador não é por si mesmo portador de inovação nem fonte de uma nova dinâmica do sistema educativo. Poderá servir e perpetuar com eficácia sistemas de ensino obsoletos. Poderá ser um instrumento vazio em termos pedagógicos que valoriza a forma, obscurece o conteúdo e ignora processos.

Está se formando uma sociedade na qual o valor da informação vai deixando de ser um valor em si mesmo, para constituir-se como valor na medida em que está sendo usado com inteligência. Isto demanda da Educação e dos educadores que atribuam critérios à informação, e a transformem em conhecimentos autênticos. Para essa transformação existem novos recursos que podem ajudar a promovê-la, os multimeios, ao integrarem diversas linguagens, como a escrita, a sonora, a gráfica, entre outras.

Segundo Lévy (1994) a utilização desses meios requer um sujeito ativo, que deve escolher até onde e como se deveria ir, determinar qual informação utilizar, estabelecer sua ordem e nível de profundidade, possibilitando a formação de novas estratégias cognitivas e novos estilos de expressão e comunicação.

Conforme Morin (1986), para promover um ambiente educacional consoante com essas propostas, torna-se imprescindível um questionamento dos papéis dos docentes e dos currículos escolares, a partir de abordagens inter e transdisciplinares, que considerem o sujeito de forma holística, como um todo.

Neste momento, passamos a descrever mais concretamente a nossa pesquisa. Teve os seguintes **Objetivos**:

- Conhecer as percepções dos docentes sobre o uso das tecnologias informáticas na sua realidade profissional;

- Conhecer, através dos testemunhos de professores universitários, aspectos que causam mal-estar sobre avanços tecnológicos e sua aplicação na educação;
- Identificar satisfações e dificuldades, vantagens e desvantagens, facilidades e obstáculos relatadas quanto ao uso das TICs;
- Identificar possíveis modos pelos quais os docentes acham que podem transformar aspectos do mal-estar em bem-estar;
- Analisar as causas do mal-estar docente com relação ao uso das tecnologias.

Em termos de **Metodologia**, cremos que o trabalho que estamos realizando poderá nos auxiliar, e à equipe de pesquisadores à qual pertencemos, em uma melhor compreensão do próprio professor e, especialmente, como pensam os professores, de forma a constituir um conjunto de subsídios para poder discutir e melhorar sua formação, tanto inicial como em serviço.

Para tanto, o presente estudo trabalha com enfoque qualitativo, em nível descritivo. Procuramos detectar, através dos testemunhos de professores universitários, em um primeiro momento, o que pensam sobre fatores que estariam ligados às causas e às conseqüências de um clima de mal-estar, enquanto docentes e como as mudanças tecnológicas estão influenciando nesse mal-estar. Realizamos entrevistas semi-estruturadas com o objetivo de conhecer os pensamentos e as realidades destes diferentes docentes.

A pesquisa qualitativa, segundo Santos (1996), é uma ciência subjetiva e não objetiva, como as ciências naturais, e tem tentado compreender os fenômenos sociais a partir das atitudes mentais e do sentido que os agentes conferem as suas ações.

Este estudo, embora possa ser caracterizado como descritivo, também possui certa abordagem interpretativa e analítica, pois pressupõe a confrontação dos dados com teorias explicativas. Para tanto, realizamos um extenso estudo na bibliografia e em documentos, para obtermos os subsídios teóricos necessários ao aprofundamento da análise da problemática em questão.

Além disso, estudamos as diferentes características dos participantes, em função do contexto. Isto quer dizer que o meio social ao qual pertencem os sujeitos participantes é uma variável a ser considerada, já que estamos comparando os diferentes depoimentos em função das características contextuais.

Em termos de **Local**, realizamos o estudo em três instituições do Rio Grande do Sul/Brasil. Na Pontifícia da Universidade Católica do Rio Grande do Sul- PUCRS, instituição de cunho confessional, da qual a equipe de pesquisa faz parte; a Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS, grande pólo universitário e a Universidade de Santa Cruz do Sul -UNISC, instituição comunitária, localizada num grande pólo industrial que apresenta importantes avanços econômicos.

Os **Sujeitos** são cinco professores universitários, das três instituições citadas anteriormente. O critério para a seleção dos sujeitos foi o de que os docentes atuassem como docentes de futuros professores, ou seja, professores de didática nos cursos de licenciatura.

O **Instrumento** utilizado para o levantamento dos dados foi a entrevista semi-estruturadas. Esse instrumento é considerado adequado para esse tipo de estudo, porque, ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que, na obtenção da informação, se alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a própria investigação, destaca Triviños (1987).

A entrevista semi-estruturada é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas dos informantes.

As **Questões da entrevista** da pesquisa são as seguintes:

- O que você conhece sobre o uso das tecnologias na Educação?
- Que satisfações e dificuldades enuncia como possíveis causadores de mal-estar?
- Aponte vantagens e desvantagens do uso das TICs na docência.
- Quando usa TICs, indique algumas facilidades e obstáculos.
- Que alternativas você debateria para reparar os aspectos do mal-estar causados pelas TICs?

Os **Resultados preliminares** foram obtidos através da análise dos dados, utilizando a Técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2004) e complementada por Moraes (1999). Esse método consiste em um conjunto de técnicas de análise das informações, no caso as comunicações, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, para obter indicadores quantitativos e/ ou qualitativos que permitem a discussão dos dados e a inferência, através de conhecimentos relativos, no caso, às condições de produção/ reprodução destas mensagens.

O pesquisador, para realizar esse tipo de análise, deve possuir amplo campo de clareza teórica, deve dominar os conceitos básicos das teorias que, segundo nossas idéias e posições atuais, estariam alimentando o conteúdo das mensagens.

Através da análise de conteúdo, inferência e discussão dos dados, buscamos encontrar alguns caminhos para contribuir nessa fase de mudanças profundas porque a escola está passando, objetivando encontrar elementos que nos ajudem a entender melhor o que é ser professor nos dias de hoje.

Sobre os resultados encontrados até o momento, percebemos que existem alguns pontos que consideramos **semelhantes** e outros **diferentes** sobre as três realidades estudadas.

Ficou evidente, em **semelhantes**, que todos os docentes do nosso estudo utilizam o instrumental da Informática, de modo mais amplo, porém desconhecem o potencial de sua aplicação mais efetiva em sala de aula e na Educação, utilizando, entretanto, a Internet e outras ferramentas como fonte de obtenção da informação que utilizam e/ ou disponibilizam aos seus alunos.

Destaca Bastos (2001) que:

A questão que se põe não é perguntar o que os computadores podem fazer na escola, mas o que os professores e alunos podem ou não podem fazer com os computadores na escola. A ênfase deve deixar de se concentrar nas tecnologias como centro da educação, para se concentrar nos professores, sua formação e sua prática.

Outro aspecto salientado por todos os docentes é o de que gostariam de poder receber mais capacitação, pois, na maioria das vezes, se consideram autodidatas na sua formação e no uso das tecnologias.

Com relação aos alunos, eles comentam que muitos deles possuem mais conhecimento no que se refere ao uso dos recursos tecnológicos, ficando em muitas situações evidente a diferença de conhecimento. Por outro lado, existem alunos que não têm contato com o computador, exigindo, assim, uma alfabetização digital.

Para concluir os aspectos semelhantes, colocaram que, para trabalhar com as tecnologias, na Educação, devemos demandar quantidade de tempo, tanto na sua formação e atualização, como no seu trabalho junto aos estudantes, presencial e virtualmente.

De acordo com Lévy (1998), os grupos capazes de formar uma inteligência coletiva são aqueles cujos membros trabalham por prazer, aprendem rápido, mantêm seus compromissos, respeitam-se e reconhecem-se uns aos outros como pessoas. Para que os professores encontrem esta motivação é preciso dar-lhes **tempo**, para adaptarem-se com todas essas transformações ocorridas com as novas tecnologias.

Quanto aos aspectos **discrepantes**, segundo as diferentes instituições, alguns docentes afirmam que possuem computadores, outros não. Quanto ao acesso à rede, dependendo da instituição na qual os professores trabalham, o uso dos Laboratórios de Informática não ocorre da mesma forma. Na Universidade pública, a utilização dos Laboratórios é bem menor do que nas particulares. Já em relação à formação/ capacitação dos professores, ela é bem maior nas particulares.

Sobre as **satisfações em usar as TIC's**, expostas pelos docentes, a maioria aponta os seguintes aspectos: rapidez de acesso às informações, uso da Internet, diversificação nas atividades na aula, auxílio no preparo das aulas e, ainda, a possibilidade de um trabalho realmente colaborativo entre os docentes. Este último item foi colocado por apenas uma professora, mas consideramos relevante, em função da importância que essa característica possui para uma reflexão mais profunda sobre o uso das TIC's na Educação.

Quanto às **insatisfações em usar as TIC's**, o primeiro aspecto que gostaríamos de destacar é que alguns docentes apontam, como gerador de algum mal-estar, o medo em sua substituição pela máquina. Esse temor foi muito forte no início da introdução destas tecnologias na Educação, no entanto, nos dias atuais, acreditamos que este receio já está de certa forma superado. Encontramos vários pesquisadores que estudam o papel do professor, nos dias atuais, ressaltando a importância da sua atualização para acompanhar as mudanças que a escola está exigindo.

Nomeadamente aparece a insatisfação em relação ao tempo. Os docentes acham que têm pouco tempo para capacitação/ atualização, no entanto acreditamos que, em muitos casos, seria uma questão de prioridade, ou melhor, auxiliar este professor a saber o que priorizar. Este aspecto está relacionado com o já exposto antes, a falta de significado sobre o funcionamento das diversas tecnologias em sala de aula.

Nesse novo panorama, esperar-se-ia um investimento maior na formação docente, já que isto depende, em grande parte, da sua atuação com um melhor uso das ferramentas tecnológicas, nas escolas. Para que possa ocorrer uma transformação efetiva, é fundamental que haja uma ação conjunta de todos os sujeitos envolvidos no processo escolar, pois, para atingirmos a efetiva inclusão social, faz-se necessário políticas ativas de desenvolvimento humano, que recupere uma das grandes prioridades sociais: a educação.

Também aparece, como **constrangimento**, a falta de controle da situação. Alguns docentes acreditam que, utilizando as tecnologias nas suas aulas, eles podem perder o controle da situação, já que os estudantes podem ter acesso prévio ao material a ser estudado. Neste sentido, acreditamos que é necessário que os docentes reflitam mais sobre o seu real papel na sala de aula.

Sobre as **alternativas prospectivas** apontadas pelos docentes, destacamos três alternativas: **Dedicação**, ou seja, priorizar e estruturar o que é mais importante para a sua atuação pedagógica; **Metodologias**, mais no sentido de realmente saber inovar e saber bem avaliar. Neste sentido, os

docentes apontam a necessidade de modificar as metodologias utilizadas em suas aulas, procurando mudar a sua atuação a partir de uma avaliação contínua do seu papel como docente; e a **Capacitação/atualização** que, para estes docentes, devem ser contínuas, para poderem realmente fazer um uso didático adequado das Tecnologias da Informação e Comunicação na sua prática docente.

Lembrando o que muito bem já destacava Papert (1994, p. 33):

Para encontrar os princípios correspondentes para a aprendizagem, temos que olhar para dentro de nós mesmos tanto como para dentro dos computadores: princípios como 'assumir a responsabilidade', 'identidade intelectual' e 'apaixonar-se'.

Portanto, consideramos que a inclusão digital dos docentes vem ocorrendo, na maioria das vezes, através de cursos de capacitação, que se desenvolvem na própria instituição de ensino, em universidades e centros de informática. Esses cursos são extremamente importantes e necessários para a implantação da informática na escola, mas nem sempre são suficientes em termos de propiciar mudanças reais no contexto da prática do docente. Caberia lembrar aqui a eficiente maneira de o professor treinar, a Formação em Serviço, com assessoria de colegas e de especialistas, na própria escola.

Por essa razão, a formação dos docentes em Informática na Educação precisa ser vista além do espaço-tempo do curso, da escola, contemplando nesse processo a dimensão do contexto do cotidiano do professor. Nesse enfoque, a preparação dos mesmos envolve muito mais do que ele pode aprender ao lidar com as ferramentas computacionais. O professor também precisa aprender a recontextualizar o uso do computador, integrando-o às suas atividades pedagógicas. Isso significa que o processo de formação deve propiciar ao docente construir novos conhecimentos, relacionar diferentes conteúdos e (re)construir um novo referencial pedagógico.

Para Santos e Radtke (2004), entretanto, a grande dificuldade do docente, em especial aquele em formação, é a reconstrução da sua prática pedagógica, principalmente quando os pressupostos educacionais que orientam o uso do computador se diferem da concepção de ensino e de aprendizagem do partilhado na escola.

Só seremos realmente **educadores** quando nos permitirmos a curiosidade e a humildade de uma criança. Talvez, assim, percebamos o conhecimento como algo em constante construção, através da cooperação entre saberes diferentes.

Conforme Moraes (1997), trata-se de um novo fazer pedagógico, fundamentado em um paradigma educacional emergente, o qual coloca uma nova maneira de pensar a Educação. Esses novos caminhos revelam uma ruptura com as práticas tradicionais e avançam em direção a uma ação pedagógica interdisciplinar, voltada para a aprendizagem do/a aluno/a como um sujeito envolvido no processo, não somente com o seu potencial cognitivo, mas com todos os fatores que fazem parte do ser unitário, ou seja, também os fatores afetivos e sociais.

Assim, a formação não pode ser dissociada da atuação, nem se limitar à dimensão pedagógica ou a uma reunião de teorias e técnicas. A formação e a atuação de docentes para o uso da Informática em Educação são um processo que inter-relaciona o domínio dos recursos tecnológicos com a ação pedagógica e com conhecimentos teóricos necessários para refletir, compreender e transformar essa ação.

Nestes momentos ainda nos permitimos usar algumas palavras tão bem utilizadas por Maquiavel (apud COWAN, 2002, p. 147):

Não há nada mais difícil de realizar, e mais arriscado de conduzir, do que tomar a frente na introdução de coisas novas, pois a inovação tem como inimigos todos aqueles que estavam bem com as velhas condições, e defensores indiferentes naqueles que poderiam ficar bem com as novas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe destacar, nesses momentos, que os achados de nossa pesquisa, que mais nos chamaram a atenção foram os seguintes.

Como **semelhantes** destacam:

- Os docentes lidam bem com as tecnologias informáticas, mas não necessariamente as utilizam em sala de aula e na escola (universidade), com seus alunos, por desconhecerem o seu potencial.
- Gostariam de receber mais capacitação, pois são bastante autodidatas;
- Comentam que os alunos estão adiante deles no uso dos recursos, no outro extremo, há alunos que não têm contato com o computador, exigindo uma alfabetização no uso das tecnologias;
- Dizem que tem que demandar grande quantidade de tempo em sua autoformação e atualização, também em seu trabalho com seus estudantes, presencial e virtualmente.

Alguns pontos **discrepantes** foram:

- Tendo ou não computadores pessoalmente, entram na rede desde vários pontos da sua instituição, mormente os das particulares
- em especial se tem laboratórios à disposição, os docentes das particulares recebem mais formação/ capacitação em informática educativa;

Como **satisfações em usar as TIC's**:

- Rapidez de acesso às informações;
- Poder utilizar a Internet;
- Diversificação das atividades em aula;
- Elas auxiliam para o preparo das aulas;
- Possibilitariam um trabalho realmente colaborativo entre os docentes.

Como **insatisfações em usar as TIC's**:

- Alguns docentes apontam como mal-estar o medo a sua substituição pela máquina;
- Pouco tempo para capacitação/ atualização;
- Falta de controle ou medo a perder o controle da situação;
- Preocupação de que os alunos acedam previamente ao material;

Sobre as **alternativas prospectivas** apontam que devem ter:

- Maior dedicação – priorizando e estruturando mais;

- Saber usar metodologias para poder inovar e avaliar melhor;
- Receber e realizar capacitação/ atualização de forma continuada.

Portanto, devemos todos saber nos preparar, estar aptos e atualizados, efetivamente, para enfrentar este novo mundo e suas diversidades, estas novas tecnologias, estas diversas formas de conhecer, de aprender, sem dúvida, também, de ensinar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abraham, A. *et al.* (1986). *El enseñante es también una persona*. Barcelona: Gedisa.
- Alava, S. (2001). *Ciberespaço e formações abertas. Rumo à novas práticas educacionais?*. Porto Alegre: Artmed.
- Bardin, (2004). *Análise de Conteúdo*. 3. reimp. Lisboa: Edições 70.
- Bardo, P. (1979). The pain of teacher burnout: a case history. *Phi Delta Kappan*, v. 61(4), pp. 252-254
- Bastos, J. (1997). *Educação e Informática*. Acessado em 18 de julho de 2001, <http://www.edipe.com.br/textos>.
- Contreras, J. (1997). *La autonomía del profesorado*. Madrid: Morata.
- Cook, T. D.; Reichardt, Ch. S. (coord.) (1986). *Métodos cualitativos y cuantitativos en investigación educativa*. Madrid: Morata.
- Cowan, J. (2002). *Como ser um professor universitário inovador*. Reflexão na ação. Porto Alegre: ARTMED.
- Eça, T. A. (2000). *NetAprendizagem. A internet na Educação*. Porto: Editora Porto.
- Enricone, D. (org.) (2004). *Ser professor*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Esteve, José M. (1984). *Profesores en conflicto*. Madrid: Narcea.
- Esteve, José M. (1994). *El malestar docente*. 3 ed. Barcelona: Piados.
- Esteve, José M.; Franco, S.; Vera, J. (1995). *Los profesores ante el cambio social*. Barcelona: Anthropos.
- Freire, Paulo. (1981). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freud, Sigmund. (1974). *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago.
- Grillo, M. C.; Medeiros, M.F. (org.) (1998). *A construção do conhecimento e sua mediação metodológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Jesus, S. (1997). *Bem-estar dos professores. Estratégias para realização e desenvolvimento profissional*. Coimbra: Edição do autor.
- Jesus, S. (1998a). *Stress e estratégias de coping de médicos e professores*. Coimbra: Instituto de Clínica Geral da Zona Centro.
- Jesus, S. (1998b). *Influência do professor sobre os alunos*. v. 34. 3 ed. Lisboa: Cadernos Correio Pedagógico / ASA Editores.
- Jesus, S. (1999). *Como prevenir e resolver o stress dos professores e a indisciplina dos alunos*. Lisboa: Cadernos do Centro de Recursos de Informação e Apoio Pedagógico -CRIAP / ASA Editores.
- Hargreaves, A. (1996). *Profesorado, cultura y postmodernidad*. Madrid: Morata.
- Hargreaves, A. (2001). *Aprendendo a mudar. O ensino para além dos conteúdos e da padronização*. Porto Alegre: Artmed.
- Hernández, F. (2000). *Aprendendo com as Inovações na Escola*. Porto Alegre: RS Artes Médicas Sul.
- Lévy, P. (1996). *O que é o Virtual*. São Paulo: Editora 34.
- Lévy, P. (1998). *A máquina Universo*. Porto Alegre: Artmed..
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.
- Litto, F. M. (1996). Repensando a Educação em Função de Mudanças Sociais e Tecnológicas Recentes. In:

- Oliveira, V.B. de (org). *Informática em Psicopedagogia*. São Paulo: Editora SENAC.
- Litwin, E. (org) (1997). *Tecnologia Educacional: Política, Histórias e Propostas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Martí, E. (1993). Aprender con ordenadores. *Substratum 1*(3), pp. 63-80.
- Maturana, H. (2001). *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Moraes, R. (1999). Análise de Conteúdo. Educação. *PUCRS*, ano XXII, n. 37, pp. 7-32.
- Mosquera, J. M. (1978). *O professor como pessoa*. Porto Alegre: Sulina.
- Mosquera, J. M., Stobäus, C. D. (1996). O mal-estar na docência: causas e conseqüências. Educação. *PUCRS*, ano XIX, n. 31, pp. 139-146.
- Mosquera, J.M. (2002). O mal-estar na Docência: causas e conseqüências. In: *Reunião Anual da Sociedade Brasileira Para O Progresso da Ciência – Sbpcc. 54ª*, Goiânia, Anais... Goiânia, Universidade Nacional de Brasília (contido no CD-Rom).
- Papert, S. (1994). *A máquina das crianças: repensando a escolas na era da informática*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pérez Gómez, A.I. (1998). *La cultura escolar en la sociedad neoliberal*. Madrid: Morata.
- Polaino-Lorente, A. (1982). El estrés de los profesores: Estrategias psicológicas de intervención para su manejo y control. *Revista Española de Pedagogía*, v. 40 (157), pp. 17-45.
- Ramal, A. C. (2002). *Educação na cibercultura. Hipertextualidade, Leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed.
- Santos, B., Pacheco, C. (2000). A informática no cotidiano escolar: Relato de uma experiência. In Pellanda, N. M., Pellanda, E. *Ciberespaço: Um hipertexto com Pierre Levy*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Santos, B., Radtke, M. (2004). Inclusão digital: reflexões sobre a formação docente. In: Pellanda, N.M., Schlünzen, E.; Schlünzen, K. (Org.) *Inclusão Digital: tecendo redes afetivas e cognitivas*. São Paulo
- Santos, B. de S. (1996). *Um discurso sobre as ciências*. 8. ed. Porto: Edições Afrontamento.
- Tijiboy, A., Maçada, D., Santarosa, L. M. C.; Fagundes, L. C. (1999). Aprendizagem cooperativa em ambientes telemáticos. *Informática na Educação: teoria & prática*, 1(2), pp. 19–28.
- Travers, C. J.; Cooper, C. L. (1997). *El estrés de los profesores. La presión en la actividad docente*. Barcelona: Paidós.